

## VISTO DE ENTRADA

É novembro de 2012.

Estou escrevendo este artigo no quarto 104 do hotel *Peermt Mondior do Emperors Palace*, complexo hoteleiro em área fechada, composto de vários hotéis e cassino, em Johannesburgo, cidade mais importante da África do Sul, onde, quando em tempos que recorro a seguir, eu jamais poderia pôr os pés, talvez, quem sabe, como empregado humilde, se nacional fosse.

Era 1977. Eu havia tido sucesso, junto com meu sócio Fernando Antônio Correa de Barros, em um projeto magnífico, que consistia na implantação de indústrias da construção civil para o Banco Nacional da Habitação, de Gana. Na costa oeste da África. O resultado havia sido tal, que em associação com a então poderosa Cerâmica Cordeiro, foi montado um escritório especificamente para desenvolver projetos para serem vendidos em partes da África, que havia pouco se tornaram independentes de suas metrópoles coloniais. Incluía-se aí Moçambique, de fala portuguesa.

Produzimos um completo estudo, com apoio do Centro Tecnológico do Couro e do Calçado, de Novo Hamburgo, para reorganização do parque calçadista daquele jovem país, atrasado pela exploração portuguesa e devastado pela guerra de independência.

Nessa época, restava, então, como reduto mais vistoso final do processo colonial, um tipo um tanto excêntrico de colonialismo: a África do Sul. Exótico porque seus habitantes nativos, pertencentes a diversas etnias, não eram colonos de nenhuma potência estrangeira, como ocorrera sem exceções com as demais nações-Estado da África. Eram multidões de indígenas sujeitos de uma minoria branca, especialmente os bôeres, descendentes de colonos holandeses e franceses, que se radicaram na região, e em dissensão cruenta com a imperialista Inglaterra (duas guerras) consolidaram um Estado, eis que tinham os componentes deste ente político – povo, território e língua própria, o africâner. E como tal foi aceito por grande parte da comunidade internacional.

Precisamente, em 1957, a colônia inglesa da Costa do Ouro se tornou independente e renunciando ao nome imperial, buscou na história imemorial obscurecida de seu continente um patronímico: Gana, qual um império que existiu nos alvares do primeiro milênio de nossa era – Ghana. Como peças de dominó, outras colônias foram cruenta ou incruentamente se tornando independentes, constituindo-se em Estados soberanos. Criaram, mesmo, uma entidade supranacional, Organização da Unidade Africana, palco de discussão dos novos Estados.

Nos anos 1970, poucas ainda eram as colônias, incluindo-se as de fala portuguesa, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau-e-Cabo-Verde e São Tomé e Príncipe. Ainda, Tanganica e Zanzibar. Também, as colônias rebeldes, as Rodésias, do sul e do norte, que se tornariam, nesse período,



independentes, assumindo nomes históricos, Tanzânia, Zimbábue e Zâmbia. Havia, também, várias colônias no entorno geográfico do Estado sul-africano.

A África do Sul ficara sozinha, com sua apartheid. Isolada com veemência na emergente comunidade africana, recebia consistentemente o repúdio da comunidade internacional.

Por questões ainda incontornáveis para o novo país independente Moçambique, a forma que havia de chegar-se até Maputo, a capital, outrora Lourenço Marques, por via aérea, era em voos da companhia nacional moçambicana, que partiam do aeroporto *Jean Smuts*, de Johannesburgo. Homenagem de certo modo incômoda aos bôeres, pois Smuts fizera uma vida ligada aos ingleses – líder militar e diplomata – opusera-se à implementação ao regime em gestação, a apartheid.

Naquele período os aviões da frota moderna e eficiente da *South African*, me disseram pilotos da empresa, eram obrigados a fazer um balão oceano adentro para chegar à Europa. Não tinham permissão para sobrevoar o espaço aéreo de praticamente toda a África subsaariana. Pousavam para abastecer – eram tempos dos embora grandes jatos intercontinentais, contarem com limitada autonomia de voo – na Ilha do Sal, arquipélago do Cabo Verde, ainda colônia lusa. Era, a África do Sul, o pária do Continente.

Em seu aeroporto, o *Jan Smuts*, havia, como há ainda hoje, um hotel internacional, algo como um território neutral. O passageiro vindo de algum lugar não precisa passar pela imigração do país; aloja-se no hotel até que o voo de conexão que o apanhará apareça. Não terá, em seu passaporte, o carimbo de haver estado na África do Sul.

Eu repeti esta iniciativa pelo menos umas cinco vezes: não queria que houvesse em meu passaporte o carimbo da África do Sul fascista e racista. Chegava pela *Varig* a Johannesburgo; via da janelinha do 707 o nome em letras grandes do aeroporto, *Jan Smuts*. Ficava uns três dias no hotel, vendo fragmentos da cidade pelos vidros dos quartos em que me alojavam. Nunca cheguei sequer ao portão de saída. Seguia, por caminhos internos, na direção do avião para Maputo.

Meu destino desta feita é Acra, capital de Gana, de tantas estadas ao longo de mais de três décadas. Porém, indo desta feita num voo não da *Varig*, que morreu, mas da *South African*, partindo de São Paulo.

Antes de embarcar, vi, no nariz do moderno *Airbus*, estampado “Nelson Mandela”, outra das muitas homenagens ao Pai da Pátria.

Após nove horas de voo sobre o fantástico Atlântico – aquele que tragou corpos mil, mas não expungiu as almas que plasmaram as Américas – olho pela janela do gigante alado e, no aeroporto, em letras graúdas merecidas, *O. R. Tambo* (Oliver Reginald Kaizana *Tambo*), um dos companheiros de lutas do redentor de toda uma nação. Não mais se chamava *Jan Smuts*.

No voo entre São Paulo e Johannesburgo, via a oportunidade recaindo aos outrora oprimidos: toda a tripulação de cabine era composta de nacionais, dos povos telúricos. Em verdade, como reiteradamente

ensinou Mandela, nacionais são todos os nascidos aqui. Assim, vi um integrante do comando do avião, loiro, quem sabe um descendente dos bôeres. Mas, jovens negras e negros, a maioria discriminada de outrora, viam-se a correr de um lado para o outro, servindo e ajudando os passageiros, durante a longa travessia, num agitar-se que caracteriza seus corpos africanos.

Lembrei Mandela no voo da *South African*, entre Johannesburg e Accra: a tripulação de cabine era em sua maioria branca, com um detalhe: antigas eram as comissárias de bordo, me pareceram por seu semblante. A minoria dessa tripulação era de negros, entretanto, todos jovens. Meu companheiro de viagem, numa espiada da cabine de comando, viu que uma das cadeiras era ocupada por um negro.

Então eu desci no aeroporto *O. R. Tambo* e fui para a imigração. Aí, finalmente, para mim, puseram em meu passaporte, agora azul, não verde como outrora, a estampa indelével de minha entrada na África do Sul.

E como um turista deslumbrado, tirei uma foto com meu filho e companheiro em frente à estátua de Nelson Mandela, após almoço num fechadíssimo, outrora, restaurante.

A maioria no local era simplesmente sul-africana.

No passado, eu escrevi:

## *Quarentena*



Um janelão em vidro tratado contra o sol e contra os ruídos exteriores era a barreira que separava um território neutro dentro da África do Sul da visão de torres de resfriamento de uma central



termoelétrica à distância. Um hotel dentro do aeroporto internacional Jan Smuts, de Johannesburgo, a mais importante cidade sul-africana.

Eu olhava intrigado, durante algumas quarentenas forçadas dentro do aeroporto, àquelas torres cônicas, permanentemente a expelir vapor. Naquele tempo, falava-se muito e mal, por vezes superestimando, os poderes daquele país que, em plena crise do petróleo, podia dar-se ao luxo de produzir gasolina, com tecnologia própria, a partir de suas imensas minas de carvão. Conjeturava-se serem aquelas, torres de centrais térmicas atômicas. Isto aumentava o fascínio pelo mistério daquela terra

do outro lado do janelão de vidro grosso. Era isto tudo, mais ouro e diamantes, frota ultra moderna de jatos comerciais, exército poderoso; e as *townships*, favelas tornadas celebres como Soweto.

O aeroporto portava em letras imensas, como o paredão de seu mezanino, o nome Jan Smuts. Uma homenagem e um sinal. Homenagem ao militar que a comunidade dominante da África do Sul reverenciava como herói de guerras pretéritas – homem que servira sua pátria e à dos ingleses. Um aviso: como político demonstrara desconforto com a ação dos *afrikaners* e, como primeiro ministro, marchava para acabar, já nos distantes anos da década de 1940, com a segregação racial. Sua morte, porém, pôs por terra um projeto liberal e deu força aos que vieram, adiante, a implementar o *apartheid*.

O nome Jan Smuts estava lá, altaneiro. Quem vinha de Moçambique, ou para lá se destinava, contemplava pela janela das aeronaves, aquele nome emblemático. Um liberal em terras tão sectárias. Nos anos bem recentes, uma pesquisa de opinião quis saber do povo quem fora o sul-africano mais importante na história do país. Smuts, numa primeira rodada, ficou em sexto lugar, dentre os dez mais votados. Na decisão final, perdeu para Nelson Mandela. Mas, quem vinha de Lesoto, Botsuana, Suazilândia, Namíbia – países que aquele tempo não contavam com aeroportos internacionais ou simplesmente não eram servidos pelas grandes companhias de aviação, utilizavam como seu ponto de chegada do exterior o terminal de Johannesburgo e contemplava aquele sinal resplandecente em letras douradas.

Quem vinha do Brasil, nas asas da Varig, e desejava ir a Moçambique, necessariamente, tinha de desembarcar em Johannesburgo e aguardar uma conexão para Lourenço Marques (nesse período dera-se a

mudança de nome da capital para Maputo). Quem tinha visto de entrada na África do Sul, transpunha a imigração do país e adentrava a moderna Johannesburgo. Quem não possuía tal visto obrigatoriamente tinha de esperar pela conexão para Moçambique, ou qualquer daqueles outros países do entorno à África do Sul, hospedado no hotel do aeroporto – um hotel do tipo quatro estrelas, muito bem cuidado e com refeições de qualidade internacional.

Neste período, a África do Sul era odiada em todo o continente africano (pelo mundo afora, também), por sua política de opressão dos brancos sobre as comunidades autóctones. Também nessa época, a partir de 1957, quando a Costa do Ouro se tornou independente da Inglaterra e se nomeou Gana, foi um espocar de gritos libertários. As antigas colônias inglesas e francesas adquiriram sua independência, libertando-se de seus antigos senhores coloniais. Nkumah, o líder da Gana, não apenas aumentou o tom de suas críticas aos remanescentes regimes coloniais português, belga e sul-africano, mas montou uma poderosa emissora de ondas curtas em Acra, de onde inflava a luta contra o resto colonial e contra o apoio da África do Sul aos brancos que governavam as Rodésias, do norte e do sul. A África Negra, ao sul do Saara, considerava a África do Sul sua inimiga. Os aviões intercontinentais da *South Africa Airlines*, ao deixarem o país rumo à Europa, tinham de fazer uma longa curva, seguindo por sobre o oceano, pois o espaço aéreo dos países ao norte não lhes era permitido. Desciam na Ilha do Sal, no arquipélago do Cabo Verde, ainda território português, para pouso técnico de abastecimento.

Assim, nesses dias de endurecimento total contra a África do Sul – tempos de Mandela encarcerado – se alguém desejasse visitar países como Quênia, Nigéria, Gana e outros da África Negra, era prudente que

não deixasse estar estampado em seu passaporte um visto de entrada na África do Sul.

Fui cinco vezes a Moçambique. Dez vezes fiquei no hotel do aeroporto Jan Smuts, vendo, do janelão de meu quarto, as torres da suposta usina nuclear e os carros que se movimentavam silenciosos por uma larga avenida. Inúmeros foram os passaportes que tive nesse período, com uma miríade de carimbos do Senegal, Gâmbia, Guiné, Cabo Verde, Libéria, Serra Leoa, Costa do Marfim, Gana, Nigéria, Camarões, Quênia, Zâmbia, Zimbábue, Tanzânia e Moçambique – nenhum dos passaportes, hoje peças de recordação, têm o visto da África do Sul.

Setembro 2006 (Texto refere-se ao período final dos anos 1970).